



<https://www.revistacosmos.com.br/>

## **O TRABALHO AUTOBIOGRÁFICO “AR” E A CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE ENTRE A ARTE E A PSICANÁLISE**

Aline Aparecida Lages Thomaz<sup>1</sup>  
Marlon Nunes Silva<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O artigo é extensão do projeto de mestrado sobre a percepção estética e psicanalítica de aspectos históricos do nome “Aparecida” e da construção da subjetividade relacionada a ele, aspectos estes, mesclados com o desenvolvimento do trabalho artístico denominado “AR”. A série “AR” parte do princípio da relação das palavras que podem ser formadas a partir do nome “Aparecida”, por exemplo: ar, pedra, parir, cear, aparecer, dar, pirar, perda, cidade, pai... Juntamente com os elementos que representam a estética de seus desenlaces. O objetivo consiste em investigar de que forma as produções de cunho autobiográfico abordam questões existenciais complexas e contribuem para a compreensão da vida e a formação do sujeito enquanto artista, dotado de uma carga de subjetividade capaz de transcender a si mesmo em direção aos outros. O trabalho justifica-se, pois, pela necessidade de visualização da inquietante estranheza diante às subjetividades nas qualidades do sentir que desperta angústias, ou ainda, o medo e o horror que podem levar o sujeito ao desnudamento do seu Eu ao ponto de o perder diante às ambivalências do narcisismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aparecida; Arte; Psicanálise; Autobiografia; AR.

### **SUMMARY**

The article is an extension of the master's project on the aesthetic and psychoanalytic perception of historical aspects of the name “Aparecida” and the

---

<sup>1</sup> Mestranda em Artes Plásticas pela Escola de Belas Artes da UFMG. E-mail: [alinelagesthomaz@yahoo.com.br](mailto:alinelagesthomaz@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG e Psicanalista pela Associação Brasileira de Filosofia e Psicanálise. Membro do Núcleo Teoria Anticolonial do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia-IG-UFU. E-mail: [nunesmarlon0@gmail.com](mailto:nunesmarlon0@gmail.com)



<https://www.revistacosmos.com.br/>

construction of subjectivity related to it, aspects mixed with the development of the artistic work called "AR". The "AR" series is based on the principle of the relationship of words that can be formed from the name "Aparecida", for example: air, stone, give birth, car, appear, give, freak out, loss, city, father... Together with the elements that represent the aesthetics of their outcomes. The objective is to investigate how autobiographical productions address complex existential issues and contribute to the understanding of life and the formation of the subject as an artist, endowed with a load of subjectivity capable of transcending himself towards others. The work is justified, therefore, by the need to visualize the disturbing strangeness in the face of subjectivities in the qualities of feeling that arouses anguish, or even, the fear and horror that can lead the subject to denude their Self to the point of losing it in the face of to the ambivalences of narcissism.

**KEYWORDS:** Aparecida; Art; Psychoanalysis; Autobiography; AIR.







amado. Ademais, a maneira como se deu a escolha do nome e como ele exerce fundamental importância para o entendimento da expansão da consciência em sua própria historicidade.

“A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (FREUD, 2020). Para tanto, foram utilizados, direta ou indiretamente, conceitos da psicanálise freudiana<sup>4</sup>, a saber: luto, melancolia, inconsciente, transferência, repressão, recalque, narcisismo e sublimação, que se intercalam com a construção progressiva do trabalho, mesclados às perspectivas artísticas e psicanalíticas desenvolvidas pela artista franco-americana: Louise Bourgeois; destacando os textos contidos na obra de Bourgeois (também autobiográfica): *Destruição do pai/reconstrução do pai*. Bourgeois (2000, p. 56), afirma que os sintomas sempre podem ser remetidos às lembranças reprimidas e as lembranças podem se tornar conscientes muito mais tarde. Por esse motivo, ao expressar as palavras e as representar, o projeto “AR” mostra a importância da busca de patamares reprimidos e recalçados.

Alguns de nós somos tão obcecados pelo passado que morremos disso. É a atitude do poeta que nunca encontra o paraíso perdido e é de fato a situação dos artistas que trabalham por um motivo que ninguém pode apreender. Talvez queiram reconstruir algo do passado para exorcizá-lo. (...) Todo dia você tem que abandonar seu passado ou aceitá-lo, e se não conseguir aceitá-lo torna-se uma escultora. (BOURGEOIS, 2000, p.133-134)

Na introdução do livro, *Destruição do pai/reconstrução do pai*, Marie-Laure Bernadac, salienta que os diários de Bourgeois mapeiam seus dias transcrevendo suas emoções e o desfile de seus pensamentos. Sua linguagem é tecida com materiais do dia-a-dia e a prática da escrita é conciliada com a do desenho juntamente com a da escultura e a palavra falada. Nos moldes de

<sup>4</sup> Não implica necessariamente a não utilização de conceitos de outros psicanalistas que dialoguem com Freud, por exemplo, Lacan e Winnicott.



Bourgeois, “[...] eu faço, eu desfaço, eu refaço [...]”<sup>5</sup>, o trabalho de pesquisa constitui-se da mistura de elementos: tecidos, tinturas, escritas, colagens, falas..., imbricados com a experiência do viver a aparição e o que proporciona o respiro. Em meio ao cheio e o vazio, a alimentação e a náusea de existir.

“[...] pensando em meus problemas pessoais como artista e discutindo-os [...], tornei-me cada vez mais interessada em compreender a psicologia da arte” (BOURGEOIS, 2000, p. 69). O amplexo entre vida, obra e psicanálise encontra suas fundamentações na obra de Bourgeois. Exemplo desse fenômeno foi a mostra *Louise Bourgeois: O retorno do desejo proibido*, ocorrida no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de setembro a novembro de 2011. A mostra contou com 112 peças, dentre elas: desenhos, objetos, pinturas, instalações e esculturas tendo como base também os cadernos de notas e registros escritos por ela que demonstram a estreita ligação de sua obra com a psicanálise.

Larratt-Smith (2011), curador da mostra, em entrevista à Folha de São Paulo, descreve que, a história que está contando na mostra, é a relação de Bourgeois com a psicanálise e, mais especificamente, como a sua imersão na análise, durante os anos 1950, resultou no novo corpo de trabalho, que ela apresentou no início dos anos 1960. O retorno invencível do desejo reprimido e de traumas passados em obras ficcionais e formas inesperadas fornecem a chave para a compreensão de sua produção tão heterogênea. Sua escultura é o conteúdo manifesto ou sintoma neurótico do incurável trauma subjacente.

E um dia virá, sim, um dia virá em mim a capacidade tão vermelha e afirmativa quanto clara e suave, um dia o que eu fizer será cegamente seguramente inconscientemente, pisando em mim, na minha verdade, tão integralmente lançada no que fizer que serei incapaz de falar, sobretudo um dia virá em que todo o meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com o meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a

<sup>5</sup>BOURGEOIS apud: MORRIS. *Louise Bourgeois*, p. 220.



um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal [...] só então viverei maior do que na infância, serei brutal e mal feita como uma pedra, serei leve e vaga como o que se sente e não se entende, me ultrapassarei em ondas, ah, Deus, e que tudo venha e caia sobre mim, até a incompreensão de mim mesma em certos momentos brancos porque basta me cumprir e então nada impedirá meu caminho até a morte sem medo, de qualquer luta ou descanso me levantarei forte e bela como um cavalo novo. (LISPECTOR, 1998, p. 201-202)

“[...] a maioria dos problemas de criação e apreciação artísticas esperam novos estudos que lançarão a luz do conhecimento analítico sobre eles, designando-lhes um lugar na complexa estrutura apresentada pela compensação dos desejos humanos” (FREUD, 1976, p.223). Ao invés de tomar como norte o campo dos ideais e da boa forma, temos como direcionamento o pulsional em Freud ou o real, o impossível, em Lacan. Ao invés de ceder aos apelos da dimensão especular, tratamos de fazer valer a *sorte* nas ambientações onde o ofuscamento das imagens mais nos dissimula.

Em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1988) retomando as discussões clínicas partindo da arte e discutindo as questões do olhar por meio de referências à pintura, Lacan, afirma que nenhuma fórmula nos permitirá unificar as visadas, os ardis e os truques que compõem o campo das artes. Tal afirmação nos permite inferir que neste modo de tratar o real pelo simbólico está em jogo um saber-fazer marcado pela lógica do não-todo manifesta na pluralidade sempre pulsante.

“No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio Eu” (FREUD, 2010, p. 175-176). No narcisismo primário, durante a infância, há a satisfação ideal do Eu consigo mesmo. Já no adulto a impossibilidade da continuidade desse Eu ideal sugere as frustrações e as neuroses, o que possibilita a confusão da própria subjetividade. A suposta, liberdade, por exemplo, demonstra-se, na realidade, como insatisfação e



angústia. Ao aumentaras exigências do Eu o idealproporciona a progressiva repressão<sup>6</sup>. Assim, o trabalho “AR” pode ser também vinculado à sublimação, pois cumpre com a exigência do Eu sem ocasionar a repressão. Freud (2010, p. 182) explica em *Luto e melancolia* que há a substituição do amor objetal pela identificação nas afeições narcísicas. O que significa que há a regressão de escolha de objeto ao narcisismo original. Logo, o estado melancólico ou parte dele no luto reside na predominância do tipo narcísico de escolha objetal.

Em o *Ego e o Id* Freud (1976, p. 37) expressa que o recém-nascido não distingue os limites de seu corpo, o interno e externo confundem-se. Progressivamente ele vai definindo o que é o seu interior ou o que é parte dele e ao que pertence ao mundo exterior. E assim constrói o que denominamos imagem corporal num processo dialético, ou seja: ele e o outro. O Eu corporal diferencia-se do isso (*id*) como pulsões direcionadas ao próprio corpo no autoerotismo. Com o passar do tempo essas pulsões tornam-se narcísicas e são direcionadas para o próprio Eu. Os dois não estão separados e o eu carrega uma parte desconhecida e/ou inconsciente, mas que pode ser resgatada.

No corpo ocorrem as sensações e descobertas, os sentidos possibilitam conhecer a imagem de si e dos outros. Com o olhar no espelho forma-se e caracteriza-se o reconhecimento da própria face. “[...] no desenvolvimento emocional individual, o precursor do espelho é o rosto da mãe” (WINNICOTT, 1971, p. 153). O autor aborda a relação peculiar do bebê com a mãe e introduz conceitos provenientes da observação de sua atividade clínica. Apresenta os termos objetos e fenômenos transicionais, a experiência de si em torno de um *self*. Winnicott<sup>7</sup> revela a importância do brincar como caminho para a criatividade e fundamenta que esta é essencial para que o indivíduo tenha um

<sup>6</sup>Algumas leituras acreditam que o conceito de repressão é a mesma coisa que o recalque. Entretanto, o que está reprimido é justamente o recalque. A repressão faz com que o conteúdo recalque não seja acessado. Logo, esses dois mecanismos de defesa não podem ser considerados como sinônimos.

<sup>7</sup>A obra de Winnicott, portanto, é fundamentada e orientada para a perspectiva mãe-bebê. Na lógica Winnicottiana, a unicidade mãe-bebê se caracteriza pelo requisito da existência do bebê para que coexista a mãe, visto que se inexistente um bebê, inexistente a mãe. A relação com a mãe e com o pai se intercalam no processo de autobiográfico “AR”.



encontro com o seu próprio *self*. Winnicott direciona seu trabalho ao redor da criança e seu processo de fusão/difusão com a mãe.

O objetivo consiste em investigar de que forma as produções de cunho autobiográfico abordam questões existenciais complexas e contribuem para a compreensão da vida e a formação do sujeito enquanto artista, dotado de uma carga de subjetividade capaz de transcender a si mesmo em direção aos outros. Propõe-se a construção de uma narrativa no formato plástico e teórico sobre a influência da memória no processo de autoconhecimento por meio da retomada de lembranças e recordações da infância até o presente. Fazer um movimento de investigação de caráter autobiográfico com ênfase em fragmentos narrativos, desenhos, diários, cartas, um processo arqueológico das experiências vividas.

Especificamente, seguindo os pressupostos descritos no parágrafo anterior, compartilhar a minha história, investigar o meu processo artístico, (*re*)visitar e historiar a mim mesma dialogando com os outros. Problematizar e transformar as minhas inquietações e pensar a produção plástica como deslocamentos/escutas do que se fala e se cala. Como um ato que reitera que é o princípio, o meio, o caminho, a perda e uma retomada sem fio. É na escuta que aparecem vários desdobramentos. Consistir e existir nas descobertas da subjetividade entre o luto e a melancolia e da estranheza da autodepreciação e do julgamento dos Outros.

“O estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1976, p.277). Empreender uma reflexão que ofereça balizamentos que auxiliem aqueles que tomam para si a tarefa de produzir articulações entre estes dois modos de tratar o real pelo simbólico e situar a importância de se trabalhar a partir da intersecção, do entrecorte, entre estes dois campos.

Mesmo se o material só durasse alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e de se conservar em si, na eternidade que coexiste com esta curta duração. Enquanto dura o material, é de uma eternidade que a sensação desfruta



nesses mesmos momentos. A sensação não se realiza no material sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto ou no afecto. Toda a matéria se torna expressiva. (DELEUZE, 2004, p. 216)

O trabalho justifica-se, pois, pela necessidade de visualização da inquietante estranheza diante às subjetividades nas qualidades do sentir que desperta angústias, ou ainda, o medo e o horror que podem levar o sujeito ao desnudamento do seu Eu ao ponto de o perder diante às ambivalências do narcisismo. As intercalações entre arte, psicanálise e filosofia se conjugam e se comprometem num jogo de circunstâncias que demonstram a possibilidade do fazer artístico e da compreensão do eu como instância de legitimidade. As instâncias da prática na constituição do trabalho artístico autobiográfico “AR” e da historicidade existente no nome “Aparecida” interligadas à teoria psicanalítica e aos conceitos filosóficos provam a capacidade de se ver e de espelhar sensações há muito sentidas, entretanto, muitas vezes, escondidas no inconsciente.

Em, Nascimento da Tragédia (1992) e na Gaia Ciência (2001), Nietzsche afirma, respectivamente, que como fenômeno estético a existência e o mundo justificam-se e, por isso, a existência é suportável. Assim, põe-nos a pensar, diante o exposto anteriormente no corpo do projeto, a relação entre a arte e a vida. No fenômeno estético a vida parece justificada, assim como este projeto, mostrando como o tensionamento entre impulsos naturais e artísticos, conseguem justificar as questões da existência. Trata-se então de compreender a arte de se pôr em cena frente a si mesmo e a arte de se tornar o que é.

De acordo com Demo (2000, p. 20) a pesquisa teórica é dedicada a reconstruir teoria, conceitos, ideias, ideologias, polêmicas, tendo em vista, em termos imediatos, aprimorar fundamentos teóricos. Esse tipo de pesquisa é orientada no sentido de reconstruir teorias, quadros de referência, condições explicativas da realidade, polêmicas e discussões pertinentes. “O conhecimento



teórico adequado acarreta rigor conceitual, análise acurada, desempenho lógico, argumentação diversificada, capacidade explicativa” (DEMO, 1994, p. 36).

O método de realização consiste, portanto, em leituras investigativas, anotações, cotejo das proposições conceituais do projeto (subjetividade, autobiografia, memória, palavra, reflexividade, progresso do trabalho), laboratório de materiais a serem utilizados na produção dos trabalhos plásticos, a historicidade e a trajetória enquanto sujeito-mulher e a própria construção do “Eu” enquanto artista.

Ellis e Bochner (2003) descrevem formas que podem assumir a postura pós-moderna: a narrativa autobiográfica, a escrita criativa, o poema, a colagem, a *performance* cênica, a releitura dramática, os relatos na fala, etc. Desta maneira, assim como exposto no segundo parágrafo da apresentação do tema de pesquisa, a dissertação e a série “AR” pretendem-se numa forma de ressignificação que conjuga a psicanálise e a arte. A ressignificação na sublimação, praticamente, dar-se-á em estandartes, pinturas, áudios, vídeos, áudios e performances. A série está sendo produzida e continuará durante o tempo do mestrado. Os meios de exposição e construção são caracterizados de materiais que reflitam o processo de redescobertas e renascimento: bonecas, tecidos variados, botões de roupas, tinturas naturais ou não, letras cortadas, colagens, costuras, desenhos. Há vários áudios arquivados que proporcionaram, inclusive, a composição deste projeto.

“[...] atenção e tateios, clareza inesperada e noites obscuras, improvisações e tentativas, ou repetições muito insistentes. Em todos os lares do espírito, há fogo e cinzas; a prudência e a imprudência; o método e seu contrário; o acaso sob mil formas” (VALÉRY, 1991, p.197). A arte e o projeto “AR” em si demonstram-se como resistência. Resistência à própria morte, tanto da vida quanto da própria arte do existir. A tela não está branca para a pintura assim como a folha não está vazia para o escritor. Elas vêm carregadas de clichês e imagens reproduzidas à Luz da Razão (Tradicional). As superfícies não



estão vazias assim como a mente refletida numa reprodutibilidade<sup>8</sup> infinitesimal nas fotografias, no cinema, nas galerias de arte, na poeira dos museus que mostram a necessidade do humano de se exibir na morte da aura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

30

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

BOURGEOIS, Louise. *Abuso Infantil* In: Destrução do pai, reconstrução do pai (entrevistas e escritos). São Paulo: Cosac Naify, 2000. p.133-137.

BOURGEOIS, Louise. *Louise Bourgeois*. MORRIS, Frances (Org.). Nova York: Rizzoli, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munõz. São Paulo: Ed. 34, 2004.

EBA. UFMG. Linhas de Pesquisa: Artes plásticas, visuais e interartes. Belo Horizonte. 2020.

ELLIS, Carolyn S.; BOCHNER, Arthur P. An introduction to the arts and narrative research: art as inquiry. *Qualitative Inquiry*, n. 9, SagePublication, 2003.

FREUD, Sigmund. *O estranho*. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Jayme Salomão (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, v.17, p.275-314.

FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Construções na análise*. Em S. Freud. Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud. Trad. Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.

---

<sup>8</sup> BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.



FREUD, Sigmund. A história do movimento psicanalítico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FREUD, Sigmund. “O interesse científico da psicanálise”, in *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v.13, 1976. p.195-226.

WINNICOTT, D.W. *O papel de espelho da mãe da família no desenvolvimento infantil*. In: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. 1975.

LACAN, Jaques. O Seminário de Jacques Lacan - Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise 1964 [Le Séminaire de Jacques Lacan. - Livro 11 Le quatreconcepts fondamentaux de l'analyse 1964] Ed. Zahar, São Paulo, 1988.

LARRATT-SMITH, P. (04/07/2011) Entrevista para a Folha Ilustrada, *Folha de São Paulo*.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhetm. O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo; tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. São Pauto, Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhetm. A Gaia Ciência (tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1ª ed. 2001.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.